manchete

Diário Notícias

03-03-2013

Periodicidade: Diario
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361
Temática: Saúde
Dimensão: 1480
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/28/29

Diário de Notícias
Mais de um milhão cantaram a 'Grândola'

Jovens chegam às urgências intoxicados com álcool

CONSUMO Especialista defende que não há álcool leve nem duro. É todo igual e só se devia beber aos 18. Jovens dizem que nova lei é inútil.

ESPECIAL PÁGS. 28 E 29

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Saúde
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 1480
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
03-03-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 1/28/29

Reportagem. *Noite de quinta em Santos, Lisboa: centenas de jovens enxameiam as ruas. Cerveja, muita, 'shots', muitos, mas também garrafas de litro trazidas de casa ou do super, com misturas de bebidas brancas com refrigerantes: o "piquenique". Muita boa disposição mas também, paradoxalmente, muitas opiniões sóbrias, até moralistas: a nova lei "é uma estupidez, não serve de nada", "os mais novos não devem beber" e os pais "não têm mão nos filhos"*

"Se calhar como mãe não dava tanta liberdade"

FERNANDA CÂNCIO

Meia noite e meia, frio de rachar. Pedro, Diogo e mais dois amigos estão no Largo de Santos, Lisboa, à volta de um banco de pedra com duas garrafas de sangria. É o que se chama, no jargão da noite, "o piquenique". Puxam prontamente a identificação quando a repórter do DN, entoação típica de agente policial, a exige. Riem-se com a partida: "Não tinha problema nenhum, somos todos maiores."

Se não fossem, e fosse o DN a autoridade, haveria talvez um problema científico-legal para resolver: esta sangria é da família da cerveja e do vinho e, portanto, admissível para menores entre 16 e 18, ou inclui bebidas espirituosas/brancas, o que de acordo com a nova lei a proibiria a menores? Só análises laboratoriais podem tirar a teima. Mas Pedro, de 19 anos, que não conhecia a alteração legislativa, acha-a fraca: "Se quer a minha opinião, os mais novos não deviam beber. Só devia ser permitido vender a pessoas a partir dos 18. Mas não há fiscalização nenhuma nas discotecas..." Sobe ao púlpito: "Não sei o que se passa neste país, os pais não têm mão nos filhos: miúdas de 14 anos de minissaia, a fumar, a beber, vai tudo?"

Um pouco mais à frente, os bares Marretas e Tampinhas, este último anunciando-se como "o mais pequeno do mundo", derramam muitas dezenas de jovens no passeio. Um grupo de rapazes passa: "Estás a ver as promoções de bebidas aqui, caralho? Cerveja a 50 cêntimos e uma bebida vale duas." É "noite académica": as dos miúdos mais novos são as de sexta e sábado. Mas há por aqui muita cara de quem parece ter 14, e nem por isso atrás do balcão se afere a data de nascimento. Diana, 21 anos, pequenina, rosto lavado, foi comprar um *shot* de tequila e hoje, como sempre, ninguém lhe perguntou nada. Sorri. "Sei que pareço 15 ou 16, mas não, nunca me pedem o BI."

37% dos jovens portugueses de 13 anos já tinham experimentado álcool na vida, segundo um estudo europeu ESPAD de 2011

25% dos jovens portugueses de 15 anos já se tinham embriagado na vida; 19,3% em 2011, ainda segundo o ESPAD

Pedro, 23 anos, a beber de uma garrafa de litro que trouxe de casa com *whisky* e cola, encolhe os ombros: "Honestamente, não acho que seja possível distinguir uma pessoa de 16 de uma de 19 [e como tem razão, concorda a equipa do DN, farta de andar a abordar caras de criança com 20 anos]. E os bares querem é dinheiro. É tão simples como isso. Claro que não vão pedir o BI, e claro que a nova lei é estúpida, porque entre cerveja e *shots* a única coisa que muda é o tempo que leva a ficar bêbado."

E há sempre quem, se lhe pedirem o BI (ou CC), dê a volta. Como Paulo, 18 anos, que começou a sair aos 14. "Usava um BI falso. Mudávamos a data no computador e andávamos com aquilo como se fosse uma fotocópia, dizíamos 'Ah o meu pai não me deixa sair com o documento com medo que eu perca'." Na roda de amigos que faz tempo, copo de cerveja na mão, para ir para o Urban (discoteca), estala a risota. Há quem já não segure muito o discurso, a trair o excesso: "Bebemos porquê? Porque gostamos. E porque para irmos dançar e falar com as raparigas temos de beber." Paulo, porém, não quer confusões: "Não somos daqueles que se embebedam mesmo, a cair. A juventude hoje em dia..." Ri-se. "Se o álcool é uma droga? Depende. Pode ser. É." Um amigo contraria: "Álcool é álcool, pá." Paulo não desarma: "Acho que há quem só saia para beber e necessite disso."

Outro da roda concorda: "Sim, há quem só queira 'encamadar-se'." Quê? "Apanhar uma camada, uma cardina", explica. E lá vão eles para o Urban, a direito e a torto.

Não, não se apanha com facilidade quem diga "sim, eu bebo para me embebedar." É sempre algo que os outros fazem. "Basicamente pelo que vejo os da minha idade, não há propriamente *casual drinking*, aquela coisa romântica dos filmes de beber vinho à lareira pelo bem que sabe. Quando é para beber é para matar", diz Sebastião, 16 anos. Porquê? "Acho que é para desinibir e um bocado a fuga da monotonia. Nos rapazes há também aquele fator masculino, viril – quem bebe mais é o maior. E na manhã seguinte, 'Eh pá, meu, nem sabes quanto bebi ontem.' Podemos fazer as figuras mais iníquas de sempre, mas se for por causa do álcool está tudo bem." Uma espécie de rito de passagem que critica como quem está de fora: "É um bocado javardo, um bocado mau as pessoas da minha idade embebedarem-se e fazerem figuras parvas. Mas os pais não conseguem fazer nada, também não vão fechá-los em casa a vida toda, não é? Bom, se calhar se fossem meus filhos..."

Carolina, 15 anos, vai mais longe. Sai desde os 14 e nunca lhe pediram identificação. "Se calhar é por ser rapariga e sair só com raparigas." Acha mal. "Mas se pedissem também achava mal porque não entrava, nem bebia, não é?" Diverte-se com a própria contradição. "Já vi muita gente muito bêbada, até desmaiada... Até certo ponto, o álcool é uma droga, mas é diferente porque a droga destrói-nos ao nível do cérebro e o álcool pode destruir-nos o fígado. A dependência é que acaba por ser a mesma." Bebedeira só confessa uma: "Não foi muito grave, só me ria muito... Não sei como aconteceu." Os pais deixam-na sair até por volta das quatro da manhã. Às vezes vão buscá-la, outras vezes vai para casa com os pais dos amigos, outras de táxi. "Eles têm muita confiança em mim porque sabem que não me embebedo." Exceto quando se embebeda – claro. Ri-se. "Se calhar como mãe não ia dar tanta liberdade como os meus pais me dão."

NOVA LEGISLAÇÃO

Cerveja a partir dos 16 anos e 'shots' dos 18

Os menores de 18 anos passam a estar proibidos de adquirir bebidas espirituosas, as chamadas "bebidas brancas", mas os que tem mais de 16 continuam a poder comprar vinho e cerveja. As alterações constam do diploma aprovado pelo Conselho de Ministros no dia 21, que, contudo, deixou cair a intenção de vedar a compra de todo o tipo de álcool a menores de 18. O Governo proibiu também a venda destas bebidas entre a meia-noite e as oito da manhã fora dos estabelecimentos de restauração, bares e discotecas. Com estas alterações, as lojas de conveniência e as bombas de gasolina ficam assim proibidas de vender álcool durante a noite.

A influência da bebida

A relação entre a bebida consumida e a forma como afeta a pessoa é obtida através de médias a que os especialistas recorrem, mas que reconhecem não ter rigor científico. E isto porque é necessário saber o peso exato, a altura e a massa corporal do consumidor para se perceber qual o momento a partir do qual a bebida produz efeitos. Na infografia mostra-se, ainda, quanto "vale" cada tipo de bebida.

*por litro de sangue

Peso	HOMENS 57 kg	68 kg	80 kg	91 kg	113 kg	MULHERES 45 kg	57 kg	68 kg	80 kg	91 kg
1 bebida	0,34 g*	0,29 g	0,25 g	0,22 g	0,17 g	0,50 g	0,40 g	0,34 g	0,29 g	0,26 g
2 bebidas	0,69 g	0,58 g	0,50 g	0,43 g	0,35 g	1,01 g	0,80 g	0,68 g	0,58 g	0,50 g
3 bebidas	1,03 g	0,87 g	0,75 g	0,65 g	0,52 g	1,52 g	1,20 g	1,01 g	0,87 g	0,76 g
4 bebidas	1,39 g	1,16 g	1,00 g	0,87 g	0,70 g	2,03 g	1,62 g	1,35 g	1,17 g	1,01 g
5 bebidas	1,73 g	1,45 g	1,25 g	1,08 g	0,87 g	2,53 g	2,02 g	1,69 g	1,46 g	1,26 g

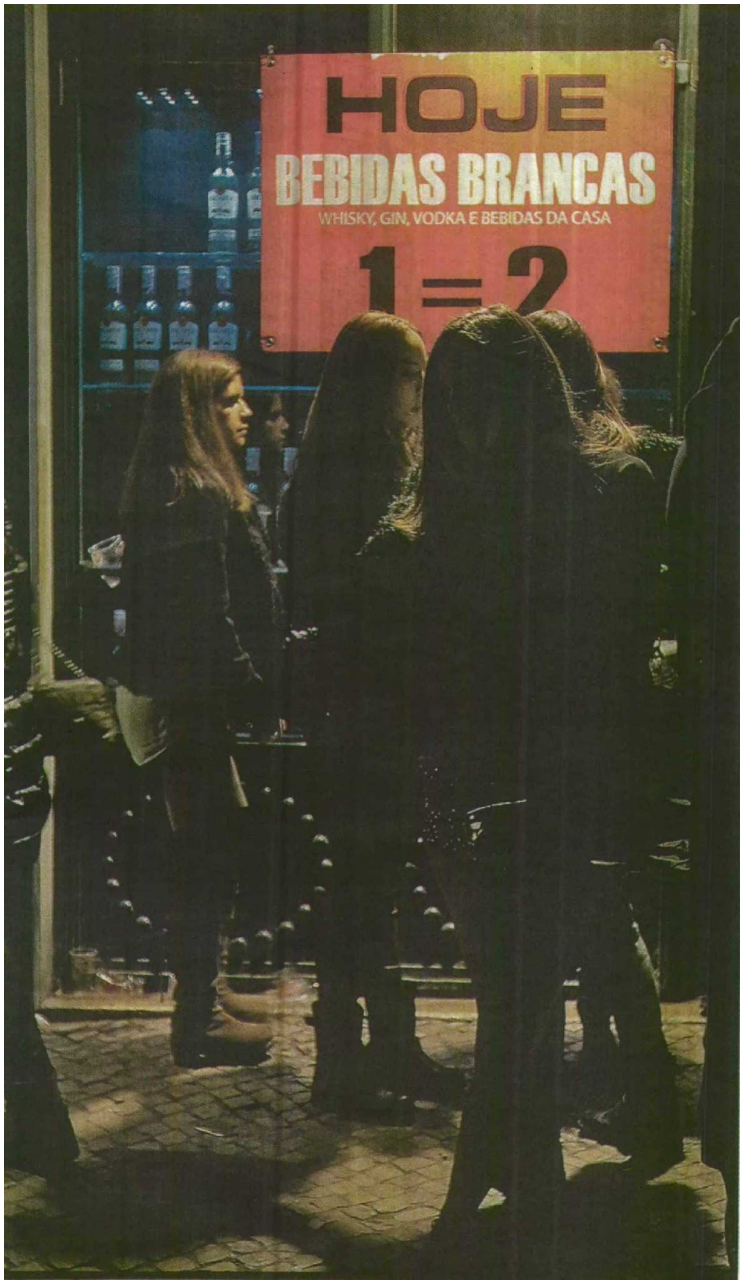
manchete

Diário Notícias

03-03-2013

Periodicidade: Diario
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361

Temática: Saúde
Dimensão: 1480
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/28/29



A quinta-feira à noite é sobretudo dos universitários, mas há muitas caras de criança nas multidões felizes que enchem Santos e nenhum tipo de controlo na venda de bebidas. À meia-noite e pouco já há quem se troque todo

Adolescentes chegam às urgências intoxicados

REGISTO Não há dados nacionais, mas em três hospitais do Norte as conclusões contradizem-se: em Famalicão, o número de casos desceu, em Vila Nova de Gaia e em Penafiel aumentou

A cada cinco dias, um adolescente foi admitido com intoxicação alcoólica aguda (IAA) no Centro Hospitalar Tâmega e Sousa (Penafiel), entre 2006 e 2009. Foram 242 admissões nas urgências, correspondendo a 234 adolescentes, a média de idade é de 17 anos, quase 10% de recidivas e oito internamentos. Foi o pior resultado, em termos quantitativos, dos três registos de urgência a que o DN teve acesso, revelando um aumento no período estudado.

No Centro Hospitalar do Médio Ave (Famalicão), entre janeiro de 2008 e dezembro de 2011, contabilizaram-se 63 casos, dois repetidos. A média de idade, porém, foi mais baixa – 15,7 anos –, mesmo se, "contrariamente ao esperado, se observou uma tendência decrescente no número de casos de IAA por ano". Ao invés do "aumento preocupante no número de episódios" anotado na urgência pediátrica do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, que de janeiro de 2007 a dezembro de 2009 recebeu 60 casos (com duas recidivas), com alta percentagem de internamentos (42 em 60), e uma média de idade ainda mais baixa que em Famalicão: 15 anos. Com predomínio das raparigas "nas idades mais precoces" e correspondendo sobretudo à ingestão de bebidas "de alta graduação" (73,2% dos casos em que a bebida foi identificada), sempre num quadro de " intoxicação voluntária". Predomínio das chamadas bebidas brancas ou espirituosas é, aliás, coincidente nos três hospitais, como a associação entre IAA "de grupo" e a idade inferior a 18 anos e o facto de a maioria dos episódios ocorrer à noite e ao fim de semana – aspetos referidos no *paper* publicado em 2012 pela equipa da Unidade de Medicina do Adolescente do Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho.

Definida como "presença de um ou mais dos seguintes sintomas ou sinais: hálito etílico, disartria [incapacidade de articular corretamente as palavras], verborreia [discurso torrencial e desconexo], ataxia [descoordenação de movimentos] e coma, em contexto de consumo alcoólico agudo", a IAA é no *paper* dita "cada vez mais frequente em adolescentes", apontando-se "um aumento preocupante no número de episódios" e a manifesta estranheza por "[...] não ter sido possível identificar um estudo de admissões por IAA em Serviços de Urgência Pediátrica em Portugal".

A Direção-Geral da Saúde admitiu ao DN não existir ainda esse estudo. Lacuna atribuída por Álvaro Carvalho, diretor do Programa Nacional para a Saúde Mental *(ver entrevista)*, à incompatibilidade dos sistemas informáticos dos hospitais. Mas se o conhecimento "das características dos adolescentes observados por IAA" é fundamental, como diz a equipa de Gaia, não há para o responsável dúvida de que mesmo sem IAA a ingestão de álcool antes dos 18 prejudica gravemente a saúde.

3 PERGUNTAS A...

"Não há álcool duro e leve"

ÁLVARO CARVALHO
Director Programa Saúde Mental

Faz sentido diferenciar entre cerveja, vinho e bebidas brancas no consumo dos menores?
A distinção entre bebidas fermentadas e destiladas, entre álcool mau e bom, há muito que foi ultrapassada internacionalmente. É bom que se perceba que isto não tem a ver com questões ideológicas mas biológicas, e que não faz qualquer sentido diferenciar entre 16 e 18 anos do ponto de vista biológico. A capacidade total de metabolização do álcool etílico no fígado só é possível a partir dos 18, 21 anos. E no caso das raparigas ainda é pior: quanto maior o nível de estrogéneos mais difícil a metabolização do álcool.

Não é, portanto, preciso ocorrer intoxicação alcoólica aguda para o consumo ser um perigo.
São os casos extremos, mas independentemente desses há consequências, do ponto de vista psíquico e físico, indesmentíveis do ponto de vista científico. O álcool também interfere nos mecanismos de maturação cerebral e cognitiva e está relacionado com riscos acrescidos das funções mentais ficarem afetadas. Os consumos ocasionais muito violentos – o chamado *binge drinking* – estão referidos com casos de hepatite alcoólica aguda que podem degenerar em cirrose ou em morte a curto prazo. E o consumo elevado nos jovens leva a outros acontecimentos de risco: sexo não protegido, desacatos, acidentes de viação.

Desde o Governo Guterres que se apresentam projetos de lei para proibir venda e consumo de álcool a menores e nada.
O que contrasta com proibição das chamadas "drogas".
O álcool é uma substância psicotrópica que interfere no funcionamento psíquico e induz dependência. É uma droga. Mas há a noção de que beber não faz mal, é um sinal de maturidade, virilidade. Todos os estabelecimentos têm uma placa a dizer que é proibida a venda de álcool a menores de 16. Que eu saiba, porém, não há um único processo instaurado pela ASAE por venda a menores. Aliás, o primeiro Plano Alcoológico, criado no tempo de Guterres, foi desinvestido logo de seguida.